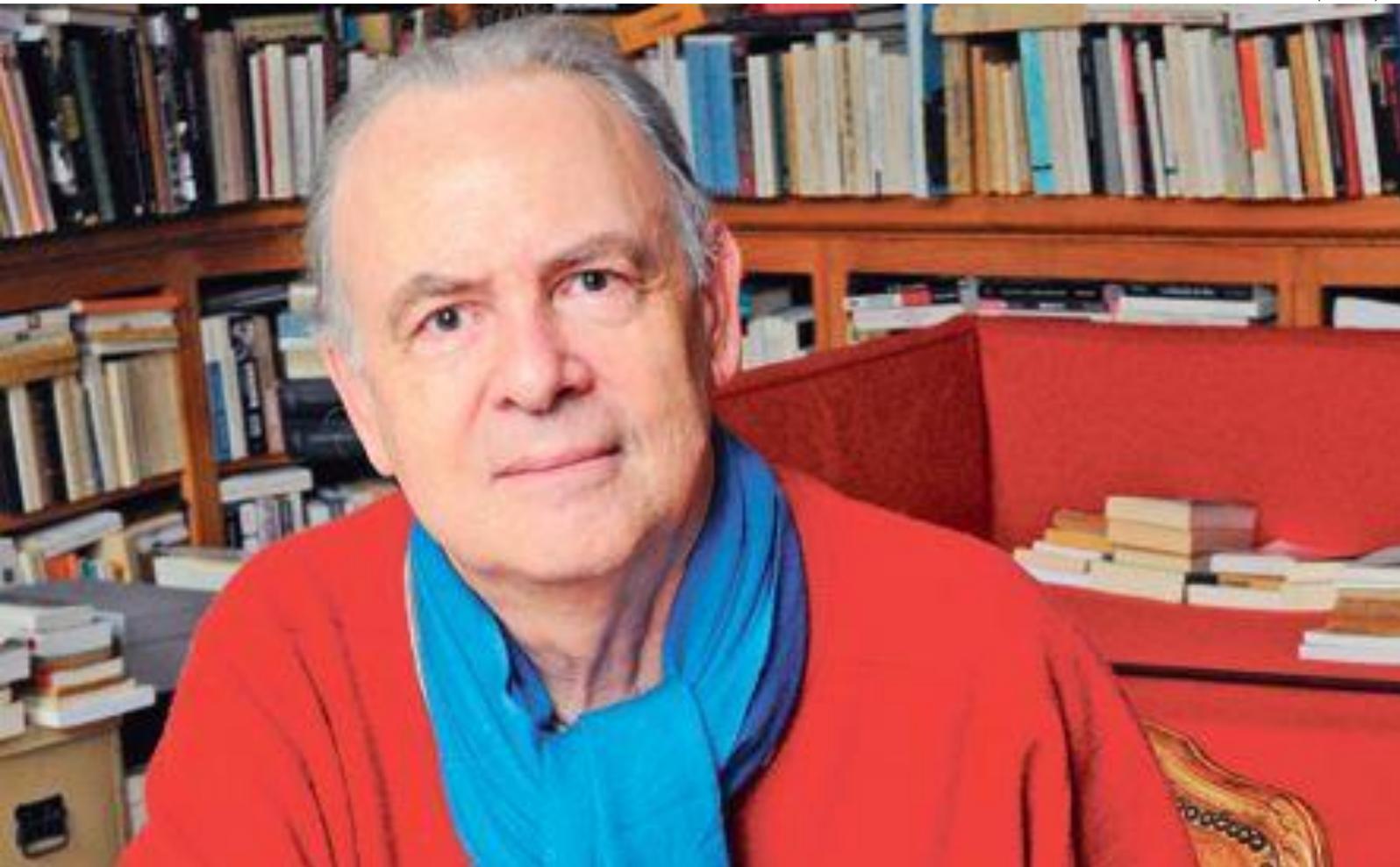


Caderno de Cultura Nódoa no Brim

LITERATURA E RESPONSABILIDADE MORAL: A escrita ética de Patrick Modiano

Lilian Reichert Coelho (UFBA)



Confesso, publicamente, aqui, que tenho escolhido certos temas para pensar, ler e escrever em função de algumas dores. Desde que iniciou o processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff e todo o avanço mais explícito do conservadorismo mais retrógrado, que já vinha se alastrando há anos ou confirmando aspectos estruturais da sociedade brasileira, afetando nossos direitos alcançados com luta, que muitos de nós, infelizmente, desconhecemos, sinto-me mal. Um mal-estar que não passa e que afeta todas as dimensões da vida.

Doem-me as mazelas antigas do Brasil, o racismo, as desigualdades e injustiças de qualquer natureza. A partir da constelação dessas dores todas, que me inquietam e que, apesar de seu peso, não deixam me paralisarem, me oriento, desde 2015, com mais afinco, à leitura de um certo tipo de prosa literária. Agora, não é mais possível fingir, tergiversar. Pairam, efetivamente, ameaças, algumas já concretizadas, que encontram substrato na nossa história, na nossa cultura, no nosso *ethos* como povo, na nossa tão propalada falta de memória.

Como inspiração, tenho lido e relido livros sobre processos ditatoriais, sobre o nazismo e outras formas de opressão ocorridas durante o século XX. Entendo que uma certa ética-do-si (cf. BUTLER, 2015) constitui uma das tônicas da literatura contemporânea, principalmente num esforço de rerever o passado pessoal e coletivo no que diz respeito às implicações com o outro, isto é, em termos de responsabilidade moral. Uma fonte de resistência tem sido Patrick Modiano, escritor francês agraciado com o prêmio Nobel de Literatura em 2014, nem sei se injustamente ou não.

A meu ver, Patrick Modiano põe em prática essa ética-do-si sem, entretanto, forçar um programa militante ou revelador de uma “boa consciência”. É um projeto literário coerente e, na visão de alguns críticos, repetitivo, acomodado numa fórmula que deu certo a partir de uma obsessão temática, a Ocupação nazista na França e, de modo mais específico, a colaboração dos franceses. Vários críticos já disseram que Modiano escreve sempre o mesmo romance, mas são livros em que o prosaico da vida, com toda a sua pregnância, resiste sob o peso do Histórico. Não há uma imagem da catástrofe, não há representação do mal, apenas a “atmosfera da desgraça iminente” (cf. RODRIGUES, 2015). E justamente é o que me encanta: o modo como o autobiográfico se imiscui com o histórico, com o passado coletivo traumático, numa escrita que é mais biografemática – noção bonita e pujante, formulada por Roland Barthes – do que autobiográfica.

Viva o Povo Brasileiro

João Ubaldo Ribeiro

pressagioso em que o Senado da Câmara da Bahia, fervendo de ressentimento e ódio porque a Corte embarcara em seus navios para Portugal do mesmo jeito alheio com que chegara, recusou registro à Carta Régia em que se nomeava comandante d'Armas o brigadeiro Inácio Madeira de Melo. O povo brasileiro se levantava contra os portugueses e discursos caudalosos ribombavam pelas paredes das igrejas, boticas e salões onde os conspiradores profetizavam a glória da América Austral, fulcro de esplendor, fortuna e abundância. Em toda parte sagravam-se novos heróis, um a cada dia em cada povoado, às vezes dois ou três, às vezes dúzias, com as notícias de bravuras voando tão rápido quanto as andorinhas que passam o verão na ilha. Assim foi ao arribar ao porto da Bahia a famosa corveta Regeneração, que trazia de volta, agora anistiados, importantes heróis, levados presos por sedição ao castelo de São Jorge, na capital opressora. Envolto nas brumas da lenda, esses homens do Destino logo dilataram por todas aquelas terras a reputação de seu valor incomparável, a beleza de seu cada gesto, a força certa de cada coisa dita, o caráter jamais quebrantado por fraqueza humana. E não podia o coração de José Francisco senão bater mais depressa, o queixo tremelicar e a cabeça girar, quando, como se houvesse tambores rufando pelas abas da capa de debruns escarlates, o grande guerreiro tenente João das Botas, passageiro da Regeneração, desembarcou ao pôr do sol para visitar a ilha em segredo e falou a alguns homens que o boticário reunira na Ponta das Baleias. Ouviu dele furente denúncia contra os deputados brasileiros que em Lisboa se tinham oposto à anistia. Mal podendo continuar a respirar, escutou como o Brasil representava a liberdade, a opulência, a justiça e a beleza, negadas até agora pela iniquidade dos portugueses, que tudo de nós queriam e nada davam em troca. Aprendeu a dizer com desprezo o nome de um dos deputados e, mais tarde, já envergando o gibão verde de punhos agaloados que lhe tinha dado a viúva de um anspeçada, sua madrinha cega e velha, já habituado a sentir um aperto no peito ao vislumbrar os milicianos agrupando-se aqui e ali, o nome desse deputado seria a única coisa que saberia dizer nas reuniões da botica. [...]

RIBEIRO, João Ubaldo. **Viva o povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Caderno de Cultura
"Nódoa no Brim"

Realização: **Diário da Serra**
O DIA-SINA DA NOTÍCIA
ISSN 2238-6467

UNEMAT Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários
Universidade do Estado de Mato Grosso em Estudos Literários **PPGEL**

EDITORES

Walnice Vilalva é Pós-doutora em literatura pela USP, e doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. É professora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

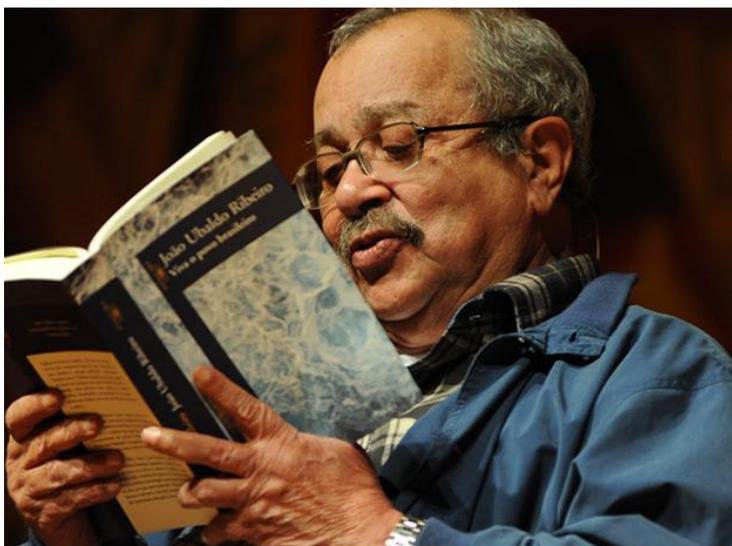
Lilian Reichert Coelho é doutora em Letras. É professora da UNIR e colaboradora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.

Samuel Lima da Silva é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

Maria Madalena da Silva Dias é graduada em letras e possui mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

Fabiola Tormes, direção e jornalismo do Diário da Serra.

site: <http://www.nodoanobrim.com.br/>
e-mail: wldiaspino@gmail.com
ENDEREÇO
Av. Tancredo Neves, 1247-W, Jardim do Lago II - Tangará da Serra - MT CEP: 78300-000
Fone (65) 3326-4724 Fax 3326-6501



Contudo, nunca foi bem estabelecida a primeira encarnação do alferes José Francisco Brandão Galvão, agora em pé na brisa da Ponta das Baleias, pouco antes de receber contra o peito e a cabeça as bolinhas de pedra ou ferro disparadas pelas bombardetas portuguesas, que daqui a pouco chegarão com o mar. Vai morrer na flor da mocidade, sem mesmo ainda conhecer mulher e sem ter feito qualquer coisa de memorável. É certamente com a imaginação vazia que aqui desfruta desta viração anterior à morte, pois não viveu o bastante para realmente imaginar, como até hoje fazem os muito idosos em sua terra, todos demasiado velhos para querer experimentar o que lá seja, e então deliraram de cócoras com seus cachimbos de três palmos, rodeados pelo fascínio dos mais novos e mentindo estupendamente. E talvez falte apenas um minuto, talvez menos, para que os portugueses apareçam à frente deste sol forte de inverno na baía de Todos os Santos e façam enxamear sobre ele aquelas esferazinhas de ferro e pedra que o matarão com grande dor, furando-lhe um olho, estilhaçando-lhe os ossos da cabeça e obrigando-o a curvar-se abraçado a si mesmo, sem nem poder pensar em sua morte. No quadro "O alferes Brandão Galvão Perora às Gaivotas", vê-se que é o 10 de junho de 1822, numa folhinha que singra os ares, portada de um lado pelo bico de uma gaivota e do outro pelo aguçado de uma lança envolvida nas cores e insígnias da liberdade. Já mortalmente atingido, erguendo-se com um olho a escorrer pela barba abaixo, ele arengou às gaivotas que, antes distraídas, adejavam sobre os brigues e baleeiras do comandante português Trinta Diabos. Disse-lhes não uma mas muitas frases célebres, na voz trêmula porém estentórea desde então sempre imitada nas salas de aula ou, faltando estas, nas visitas em que é necessário ouvir discursos. Pois, se depois da metralha portuguesa não havia ali mais que as aves marinhas, o oceano e a indiferença dos acontecimentos naturais, havia o suficiente para que se gravassem para todo o sempre na consciência dos homens as palavras que ele agora pronuncia, embora daqui não se ouçam, nem de mais perto, nem se vejam seus lábios movendo-se, nem se enxergue em seu rosto mais que a expressão perplexa de quem morre sem saber. Mas são palavras nobres contra a tirania e a opressão sopradas pela morte nos ouvidos do alferes, e são portanto verdadeiras. Coisas opostas, a glória em vida e a glória na morte, somente esta parece perseguir a alma sempre encarnante do alferes. Do contrário, não estaria ele ali, naquele dia e naquele lugar, podendo ter ido a outra parte qualquer do Recôncavo onde o povo se reunisse para beber e para aclamar o Regente e Imortal Príncipe Dão Pedro, Defensor Perpétuo do Hemisfério Austral. Já finado e herói, com suas cada vez mais alargadas palavras às gaivotas circulando de boca em boca, o alferes não ouviria a alta proclamação que em muitas festas se fez na cidade do Catu, como não veria diversas outras que se seguiram desde o dia

LITERATURA E RESPONSABILIDADE MORAL: A escrita ética de Patrick Modiano

Lilian Reichert Coelho (UFBA)

não tentam fazer ver o que todos já viram, mas perguntam incessantemente acerca das responsabilidades de todos no horror e impõem na sua ficção a presença de vidas que “restam”, no sentido do que permanece ao mesmo tempo dentro e fora de uma série (Cf. CORREIA, 2012).

Modiano nasceu em 1945, portanto, no fim da Segunda Guerra. O pai era um comerciante judeu de biografia duvidosa que, ao que tudo indica, foi colaboracionista durante a Ocupação nazista na França, talvez até membro de milícias, período alvo de muitos estudos, de holofotes, vergonha nacional e discursos de culpa. O escritor ressentido-se por ter nascido naquele ano, portanto, atrasado; por ter vindo depois, logo, impotente. Em razão disso, no processo de interrogação que se impõe, Modiano constitui seu ser escritor como alguém que procura incansavelmente, a rastrear índices que sabe não caberem numa narrativa completa, e é por isso, talvez, que evoque tanto um certo tipo de história detetivesca bem particular em diversas de suas narrativas.

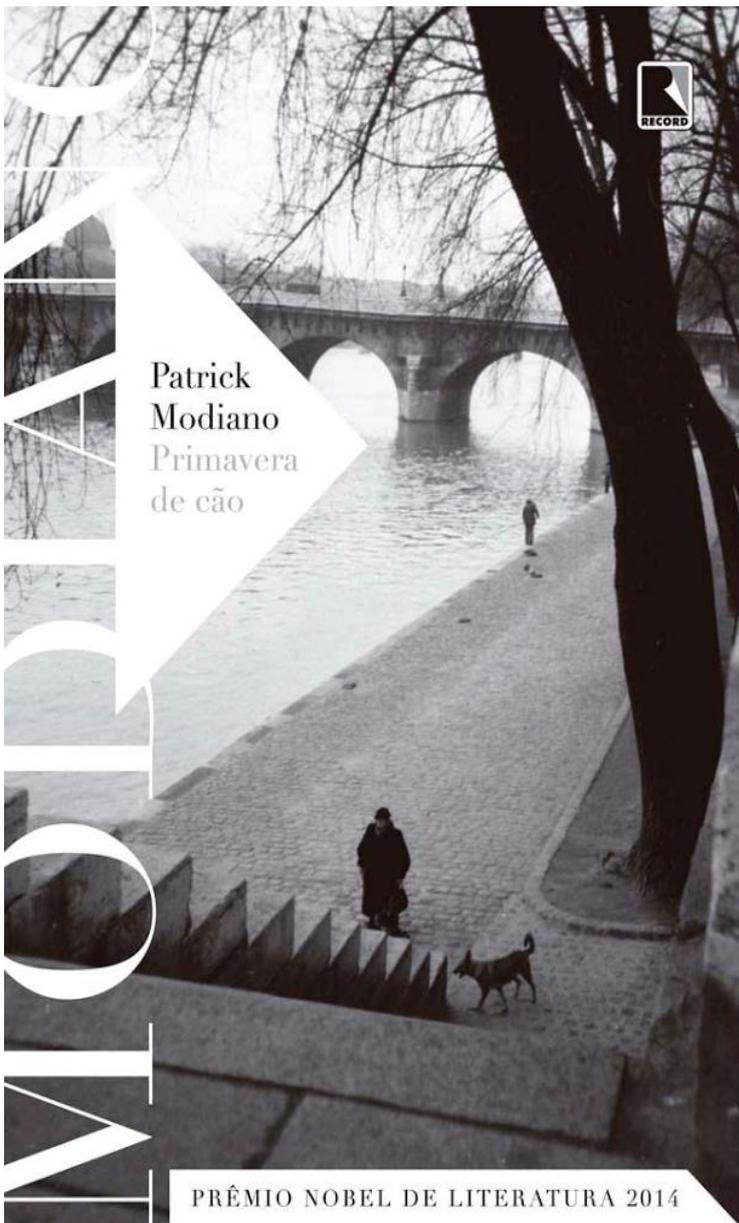
Mas, esse ser que procura sabe que não vai encontrar. Então, são buscas de quê, se não há nada a ser localizado sob os escombros da destruição? Justamente. Modiano não segue a linha da crença do fim absoluto causado pelo mal, não confere poder à solução final dos nazistas pela extinção de tantas vidas, mas crê na imposição da presença das sobrevivências, ao insistir no movimento de invocar a desaparecimento de algumas vidas individuais, movimento que não cessa e que resiste ao aniquilamento total.

Na literatura de Modiano, não há testemunho das mortes do Holocausto, mas contestação pela recusa a reproduzir textualmente os acontecimentos da guerra, o que é uma forma potente de comunicar mais. Conforme Bataille, citado por Didi-Huberman (2011), “não falar dos acontecimentos para melhor lhes responder.” A Ocupação nazista na França, o colaboracionismo de franceses e até de judeus como o próprio pai de Modiano, a omissão, a cumplicidade de Paris, são sombras onipresentes e indissolúveis na produção literária do escritor francês. E as possibilidades de histórias de vida interrompidas à revelia podem ser tudo, menos um desfile de fantasmas ou uma oportunidade para chorar, o que fiz muitas vezes ao ler Dora Bruder (1997), a história de uma garota judia de 15 anos morta no campo de extermínio de Drancy.

Nesse sentido, a performatividade política de Modiano consiste em repetir, talvez, a mesma história, com o objetivo de comprovar o estatuto temporal das sobrevivências pela intermitência da memória, num movimento que torna sensível uma beleza naquilo que desapareceu, mas ainda se move com vida pela recusa do escritor ao esquecimento. Seus personagens evanescentes são como cometas, tiveram sua luz rapidamente fulgurante, e brilham mais no rastro impuro que deixam. O escritor encontra nesses fiapos de vida as ressurgências inesperadas do horror (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 124) por meio de uma **Poética das Intermittências**, dos destinos discretos, das luzes menores que resistem apesar da grande luz do poder e que, por isso mesmo, o confrontam.

Assim como Modiano e outros escritores posicionam-se politicamente, nós, leitores, também precisamos tomar posição em relação a uma política de leitura dos fatos, das narrativas, das notícias, concebendo-as como significantes, não como significados prontos acomodados em quadros interpretativos construídos a partir de dicotomias fixas.

Encerro esta breve incursão à escrita política de Patrick Modiano com uma pergunta: onde estão e quais podem ser os vaga-lumes neste nosso momento sombrio? Como podemos resistir “apesar de tudo”? Talvez, por meio de imagens e narrativas-vagalume, como as de Modiano. No final do livro **A raposa já era o caçador**, de Herta Müller, com a queda do ditador romeno, a primeira manifestação das pessoas oprimidas pelo poder imposto foi sair pelas ruas entoando uma canção antes proibida. Apesar do tempo, das sombras, da opressão e desaparecimentos involuntários, a canção restou como sobra na memória de todos, pronta para ecoar ao menor sinal de liberdade, provando que o esforço de resistência vale(u) a pena.



Patrick Modiano
Primavera de cão

PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA 2014

Didi-Huberman, autor do livro **A sobrevivência dos vaga-lumes**, compreende “[...] que uma experiência interior, por mais ‘subjéctiva’, por mais ‘obscura’ que seja, pode aparecer como um *lampejo para o outro*, a partir do momento em que encontra a forma justa de sua construção, de sua narração, de sua transmissão.” (2011, p. 135) [grifo do autor]. Este livro, de 2009, lançado no Brasil pela Editora da UFMG em 2011, consiste numa bela homenagem a Pier Paolo Pasolini.

A noção de sobrevivência que Didi-Huberman apresentada nesse livro, associada à imagem dos vaga-lumes, a partir de Pasolini e de outros filósofos e artistas a que faz reverência, refere-se à luz fraca que vaga pela noite, em sua “vocalização a iluminar o breu em movimento”, a se contrapor, em sua existência bela, errante, quase imperceptível, aos holofotes do poder, às grandes luzes que se levantam para cegar como a política institucional, a mídia, as ideologias, as formas tradicionais de representação. Convocar um exemplo, uma vida singular, um vaga-lume, “(...) é afirmar que em nosso modo de imaginar jaz fundamentalmente uma condição para nosso modo de fazer política. A imaginação é política, eis o que precisa ser levado com consideração.” (DIDI-HUBERMAN, 2011).

Quem me fez voltar a ler o livro de Didi-Huberman neste momento foi a escritora romena-alemã Herta Müller, que, assim, como Modiano, escreve simples e, ao mesmo tempo, bonita e poderosamente, sobre o regime ditatorial de Nicolae Ceaucescu na Romênia. Ambos se destacam, para mim, porque não tentam explicar os fatos terríveis do passado coletivo, não tentam impor um saber ou resgatar um não-saber,

Show de Truman: O Show da Vida

Aluizian Fernandes Lopes da Silva (UNEMAT)
Paloma Cardoso de Oliveira (UNEMAT)
Millaany Felisberta de Souza (UNEMAT)

situações que se repetem passam a incomodar e intrigar Truman. Fatos que o levam a questionar a sua realidade que até outrora parecia perfeita, ele tinha um bom emprego, uma bela esposa, um fiel amigo e todos da cidade gostavam dele, porém, todo esse cenário se esfaca quando o jovem corretor aos poucos vai desvendando o segredo da sua vida. O seu nascimento foi o dia da estreia de um reality show que desde então mostra toda a sua vida para milhares de pessoas 24 horas por dia que torcem, vibram, se indignam muitas vezes com as decisões do programa.

Ao fazer essa descoberta o personagem de Jim Carrey tenta burlar as câmeras e ir embora daquele estúdio que sempre pensou ser a cidade onde nasceu, mas ele encontra obstáculos, já que o diretor do reality show Christof (Ed Harris) faz de tudo para que Truman não consiga ir embora.

O filme **O show de Truman: O Show da Vida** faz uma reflexão sobre como as mídias interferem na vida das pessoas e como deixamos que esses meios interfiram na nossa vida e definem as nossas escolhas. Podendo fazer também uma intertextualidade com **O Mito das Cavernas** de Platão, ao descobrir a verdade Truman poderia preferir sua caverna, sua cela por ser mais confortável e estar acostumado àquela realidade, mas decide se libertar das correntes a qual estava preso.



O filme **O Show de Truman: O show da vida**, dirigido por Peter Weir e roteiro de Andrew Niccol começa com o 30º aniversário de Truman Burbank (Jim Carrey), um pacato corretor de seguros que vive uma vida tranquila e aparentemente feliz com sua esposa Meryl Burbank (Laura Linney) na cidade onde nasceu. Todos os dias ele faz as mesmas coisas sem se questionar e leva uma vida “normal”.

No entanto, ao reviver momentos do passado, algumas

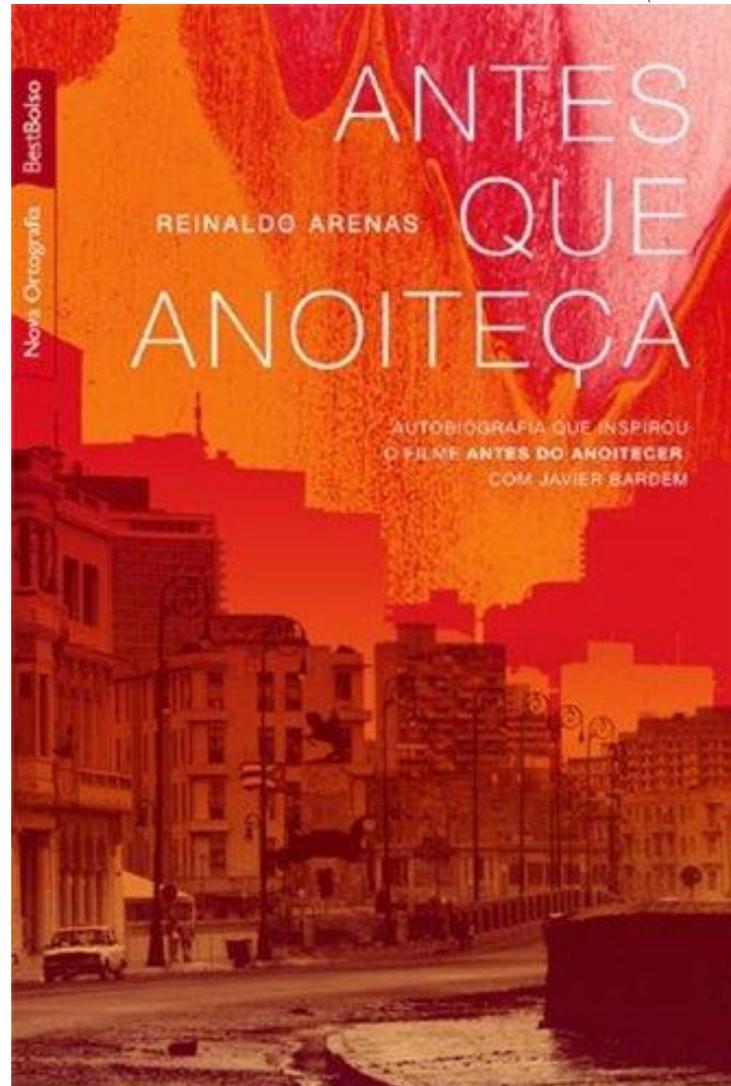
Livro de Cabeceira

Antes que Anoiteça

Guido Arosa (UFRJ)

O cubano Reinaldo Arenas (1943-1990) foi perseguido pelo governo de Fidel Castro por ser considerado um escritor contrarrevolucionário e portador de um “vício burguês”, o “homossexualismo”. Exibindo sua sexualidade em seus textos e não aderindo completamente às ideias do que seria uma revolução comunista, Arenas, por não ter desejado realizar as tarefas a ele impostas, como a heterossexualidade compulsória e o apoio irrestrito à pátria, foi perseguido e enviado a campos de trabalhos forçados de cana-de-açúcar e à prisão, antes de fugir para os Estados Unidos, em 1980, vivendo naquele país por dez anos, e lá se descobrindo portador do vírus do HIV, em 1987.

Imaginando uma morte próxima, Arenas finaliza e deixa editorialmente encaminhados todos os seus textos, assim como seu testemunho, **Antes que anoiteça** (Record, 2009), que é finalizado em agosto de 1990. O autor se suicida em dezembro, sendo o livro publicado, na Espanha, em 1992. No entanto, como relata o escritor Caio Fernando Abreu, que o leu na Europa, a recepção do livro no Brasil foi difícil: “Voltando ao Brasil, quis traduzi-lo. Ninguém quis. Muito deprimente, diziam, pouco comercial”. Mas, **Antes que anoiteça** consegue ser publicado em português em 1994 e demonstra uma força literária ímpar, revelando os meandros da sexualidade de um escritor atormentado e perseguido pelo poder, que encontrou na AIDS o grande enigma incapaz de ser decifrado, um mal mais forte que as próprias mazelas vividas em Cuba. Ler **Antes que anoiteça** é confrontar ideias pré-estabelecidas e estar junto de alguém que viveu para escrever, considerado hoje um dos principais escritores homossexuais do século XX, que tem sua obra ainda pouco estudada e publicada no Brasil.



LITERATURA E REPRESENTAÇÃO: ENTREVISTA COM ANDERSON DA MATA

Samuel Lima (PPGEL/ UNEMAT)

O Caderno de Cultura **Nódoa no Brim** conversou com o editor da revista “Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea”, Anderson Luís Nunes da Mata, professor adjunto de Teoria da Literatura, na Universidade de Brasília. Anderson dialogou sobre questões relacionadas ao conceito de representação na literatura, bem como assuntos referentes à produção literária brasileira contemporânea.

Nódoa no Brim: *Professor, tendo em vista que suas pesquisas recaem sobre a literatura brasileira contemporânea, qual a marca mais positiva do que se tem produzido no Brasil atualmente?*

A avaliação em “positivo” e “negativo” me incomoda um pouco. Não sei se é essa a posição que cabe ao crítico literário. Contudo, o que está acontecendo de “diferente” é um movimento forte de literatura, escrita e oral, produzida fora do centro do campo literário – e fora dos centros das grandes cidades. É a literatura produzida nos saraus, nos slams, nas publicações de autor, nos cordéis feministas, nas pequenas editoras comprometidas a fazer circular, dentro dos seus limites, uma literatura que, de outra forma, não chegaria ao público. Penso aqui, claro, em projetos como os da Cooperifa, do Slam das Minas, das editoras Malê e Ogum’s Toques Negros. Apesar de estar no interesse de alguns críticos, principalmente na academia, os textos que circulam a partir desses projetos não chegam a ser uma literatura que ganhe destaque midiático, encontra-se fora dos esquemas dos prêmios, e, em alguns casos, estão até mesmo fora do formato-livro, passível de ser comercializável. Porém, é texto que está sendo lido/ouvido e que está afetando as pessoas por aí. Então, se tivesse de destacar algo, destacaria como positiva essa diversificação da forma, que amplia inclusive o que entendemos tradicionalmente por literatura. Já no centro do campo, nas grandes editoras, nada de novo. E a reiteração do mesmo não chega, nesse caso, a ser algo positivo.

NB.: *Atualmente, há um alto número de narrativas literárias que tratam do tema da marginalização. Esse fato está intimamente ligado à questão social pela qual o Brasil passa atualmente?*

É preciso entender o que se entende por marginalização aí. Margem de quê? Se estamos falando sobre as margens dos centros urbanos e suas intercessões com as margens da sociedade de consumo, as margens do Estado de direito, as margens dos direitos humanos, entre outras margens, como a segunda parte da pergunta sugere, então o que temos é uma literatura que fala pouco sobre isso. Pois, se há uma produção feita a partir desses espaços que reflete sobre essas – e outras (é importante lembrar que a literatura produzida nas periferias do campo pode e deve tratar também de outros assuntos, se assim os autores quiserem) – questões, há uma literatura que ocupa as estantes das livrarias e, conseqüentemente, as das casas de quem compra esses livros e as das bibliotecas públicas, que pouco fala de “marginalidades”. É para falar isso com segurança, sem especulações, que o nosso grupo de estudos, o GELBC (Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea), fez aqui na UnB (Universidade de Brasília) uma pesquisa sobre os personagens do romance brasileiro contemporâneo e comprovou que o romance brasileiro contemporâneo não extrapola muito o universo dos próprios autores: classe média, branco, homem, jornalista ou professor ou escritor. Regina Dalcastagnè, em *Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado* trata exatamente dessa questão. Isso, claro, nada diz da qualidade de cada um dos livros que podem surgir daí, porém revela um campo literário cujo centro é bastante monocromático e pouco diversificado. Por outro lado, se temos algo acontecendo fora desse centro, não tenho dúvida que é uma forma de reação e de resistência a esse campo, que tem regras rígidas, é bastante fechado e tende ao conservadorismo. Não são mais os “novos” forçando a entrada no campo, como Pierre Bourdieu pensou as regras do campo, mas, sim, outro campo, paralelo, se fazendo - algo próximo do que Achille Mbembe chama de um “devir negro do mundo”. Para fazer sua crítica, portanto, será necessário estudar as regras desses outros campos. E isso já está sendo feito por pesquisadoras como Érica Peçanha e Lucía Tennina.

N.B.: *Recentemente, é possível perceber, no mercado brasileiro, um grande número de editoras menores, que concedem oportunidade para escritores menos conhecidos levarem sua obra ao público. Como o senhor avalia essa questão?*

Acho isso muito bom. Só gera certa angústia no crítico, porque, não é raro sabermos da existência de uma obra, que, pelo limitado alcance de distribuição da editora, e pelo nosso limitado alcance de todos os espaços, não conseguimos para ler. Acho que essa pulverização do mercado, com as grandes editoras em crise – crise conceitual mesmo, investindo cada vez mais na reiteração dos mesmos autores, algo como um retorno à crise do final dos anos 1980, início dos anos 1990 –, tem permitido que muitas histórias que não encontrariam espaço na Companhia das Letras, na Alfaguara ou na Record cheguem aos seus leitores. Acredito que aí o trabalho da crítica tem de ser menos preguiçoso, de esperar os livros chegarem às suas mãos no passeio na livraria nos fins de semana, ou, hoje, o que é mais comum, nas sugestões dos algoritmos das livrarias digitais, e ir atrás dos livros que não o estão necessariamente esperando, porque, muitas vezes, têm os seus leitores em outros espaços. Não arriscaria dizer que há uma descentralização da produção editorial, pois a força dos grandes grupos editoriais (que muitas vezes nem são só editoriais, mas de produtos diversos, nos quais o livro é apenas mais um, como aponta André Schiffrin no seu ensaio *O negócio dos livros*) continua imensa, mas há uma multiplicação de possibilidades para o leitor atento. E, talvez, haja uma tendência a um policentrismo.

N.B.: *Em seu livro O silêncio das crianças: representações da infância na narrativa brasileira contemporânea, você averigua a configuração da infância em textos de autores brasileiros, tais como Miguel Sanches Neto, Paulo Lins, José Louzeiro, Hilda Hilst, dentre outros. Comente sobre essa questão para os leitores do Nódoa no Brim.*

Esse livro, escrito há mais de dez anos, foi resultado de uma pesquisa mestrado. Sem uma hipótese clara, mergulhei no tema instigado pela presença significativa dos textos sobre a infância na literatura. Não é que seja exatamente numerosos os textos que trazem protagonistas infantis, mas são textos que marcam o leitor. É comum termos uma ou mais narrativas de predileção com personagens infantis marcantes. No percurso da investigação, limitei a discussão aos protagonistas do de narrativas contemporâneas. O interesse foi notar que, com frequência, a infância de modo simbólico, como um tropo que quer dizer de algo mais: da inocência, pela chave da nostalgia de quem a perdeu, de um lugar da linguagem ainda não afetado pela discursividade do adulto, de um lugar da história que se situa antes mesmo da linguagem. Não raro, dada a tendência da narrativa brasileira, mesmo a contemporânea, pela tematização das grandes questões nacionais, a infância retoma exatamente um dos seus significados como tropo do romantismo: a miragem de um tempo de possibilidades que se perdeu no curso da história.

N.B.: *Este ano, o vencedor do prêmio Jabuti de melhor romance foi o escritor Silviano Santiago, com a obra Machado. Você considerou o prêmio justo?*

Não li todos os livros inscritos para o prêmio, mas certamente *Machado* é um livro merecedor do destaque que tem ganhado. Como disse, desse meio em que o homem, branco, professor universitário publica romances por uma grande editora saem bons livros. E, apesar de não ser um livro que traga para o primeiro plano as questões raciais, certamente o fato de ter um protagonista que não é branco, Machado de Assis, já é uma excepcionalidade no catálogo de uma editora como a Companhia das Letras. Falávamos há pouco de “marginalidades” e, creio que esse é um bom texto para pensar em outras margens. A doença e a velhice, são dois temas da narrativa que a aproximam dessas outras marginalidades. E o próprio texto se coloca não à margem, mas na margem do que separa – e do que une – a crítica, a história e a ficção.

LITERATURA E REPRESENTAÇÃO: ENTREVISTA COM ANDERSON DA MATA

Samuel Lima (PPGEL/ UNEMAT)

N.B.: *A presença do escritor e ensaísta Silviano Santiago é de extrema importância para a literatura brasileira contemporânea, certo? Quais demais autores têm se destacado nesse meio?*

Acho complicado citar nomes, porque há muita coisa sendo produzida em um país de dimensões continentais como o nosso. Posso falar mais do que tenho lido. Sobre a própria literatura brasileira contemporânea, Regina Dalcastagnè, de Brasília, é uma referência incontornável, pelo modo como tem atuado, em diferentes frentes, como crítica, editora e professora interessada na literatura produzida hoje e em chamar a atenção para o que está no centro, mas também para o que pode passar despercebido porque é publicado por pequenas editoras. O trabalho de Devair Fiorotti, tanto como crítico quanto como poeta, a partir de Roraima para pensar as literaturas indígenas brasileiras, com interesse especial nos macuxi também tem me chamado a atenção. Henrique Freitas, na Bahia, vem produzindo uma crítica conceitualmente ancorada no que ele denomina literatura-terreiro, a partir das religiões de matriz africana, que nos permite olhar para o texto a partir de outras epistemes.

N.B.: *Em suas pesquisas, o senhor trata da questão do conceito de representação. O que o senhor entende por representação?*

O conceito de representação é um conceito em disputa. Há inúmeras formas de lidar com ele, e há, inclusive, a recusa completa à ideia de que a literatura possa representar algo. Não vou entrar aqui em toda a história do conceito, mas a ideia de representação me interessa principalmente porque ela tem de ser pensada como uma relação. Não se trata apenas de colocar algo no lugar do seu referente, mas de uma relação muito mais complexa, dialógica, que envolve o mundo do autor e as representações sociais que lhe servem de limite, e cujos limites ele pode ou não buscar ultrapassar, envolve também o texto, com algum grau de autonomia, e sua circulação, que depende de muitos fatores e muitos agentes e, principalmente, depende do reconhecimento que o leitor faz dessa representação. Não se trata, evidentemente, de identificação (que pode ocorrer e não há nenhum problema disso), mas do reconhecimento, político, de que aquele texto diz algo sobre o mundo. É uma perspectiva sobre representação que se cruza com a própria noção de mimese, tão cara à teoria da literatura. Mas não mimese como mera imitação, e, sim, como produção. É também no entrecruzamento da ideia de representação na literatura e representação política que tenho trabalhado. Por isso, no meu horizonte está o pensamento de cientistas políticos, filósofos e críticos, como Mikhail Bakhtin, Hanna Pitkin, Susan Sontag, Paul Ricoeur, Luiz Costa Lima, Anne Phillips, Iris Young, Walter Dignolo, Robert Stam e Ella Shohat.

N.B.: *Em seu artigo Discursos do nacional no romance brasileiro contemporâneo: Dois irmãos e Cidade de Deus, você investiga as referidas obras tendo como pedra de toque a questão da representação do romance e também da nação. Este tema é muito recorrente em demais obras brasileiras contemporâneas?*

Sim. É sobre isso minha tese de doutorado, defendida em 2010. A ideia de nação parece ter entrado em crise na segunda metade do século XX, e a literatura, é claro, quis discutir isso. Mais que isso, a própria crítica literária encampou a ideia de um “fim da nação”, com conceitos como o de “literatura pós-nacional”. Porém, para a literatura escrita no Brasil, a própria noção de ser “brasileira”, corroborada pela crítica com conceitos como de “sistema literário”, de caráter nacional, sempre foi muito cara. Nesse contexto, decolar-se dessa necessidade de falar “do país” nos textos não é uma tarefa fácil – nem acredito que seja

necessária. Assim, mesmo autores que trazem para os seus romances personagens e enredos que se passam em espaços estrangeiros, ou não identificados como o Brasil, como Bernardo Carvalho e Adriana Lisboa, dificilmente escapam de trazer “o Brasil” para seus romances. Minha tese foi escrita ao longo dos anos 2000. Acredito que, agora, na década seguinte, a retomada dos nacionalismos (para mim, eles nunca estiveram em declínio), sem disfarces, nos Estados Unidos e na Europa, importantes centros financeiros, de difusão cultural e de formulação de pautas políticas globais, permitem nos fazer pensar nas razões para essas dificuldades aqui. Até mesmo porque, o ressurgimento do nacionalismo aqui, também assume um caráter classista, xenófobo e reacionário.

N.B.: *Recentemente o senhor participou de um congresso literário, o Figuras da Ficção, na Universidade de Coimbra, em Portugal. Qual foi o tema da sua fala?*

Tratei de *Machado*, o romance de Silviano Santiago. Preparei, para o evento, um texto que propõe a leitura do romance de Silviano pela chave da ficcionalidade, que se instaura no texto crítico, no relato histórico, e lhe dá outra voltagem. Para isso, discuti quatro aspectos sobre a própria ideia de ficção que a prosa do romance nos traz como imagem, mas que vão tomando forma de conceitos à medida que a narrativa avança, ou ao passo que minha leitura avança sobre ela: a imitação, a mímica, a convulsão e a transfiguração.

N.B.: *Por fim, a edição do nosso Caderno de Cultura agradece sua colaboração, e gostaríamos de saber quais obras literárias contemporâneas indica para os leitores do Nódoo no Brim.*

Neste ano de 2017, parei para reler um livro que completou uma década de seu lançamento e ele me pareceu ainda mais fundamental para todo leitor de literatura brasileira contemporânea: *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves. Em 2017, é mais que um romance importante, é mesmo um texto urgente.

